

**INTERVENÇÃO DA SRA. PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE OEIRAS POR
OCASIÃO DO 45º ANIVERSÁRIO DO 25 ABR 1974**

25 ABR 2019

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Exmos. Senhores Vereadores

Exmos. Senhores Membros da Assembleia Municipal

Exmos. Senhores Presidentes de Junta ou de Uniões de Freguesia

Exmos. Senhores Autarcas, Ex-autarcas, Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas

Exmos. Senhores Comandantes da Polícia de Segurança Pública

Exmos. Senhores Comandantes de Corporações de Bombeiros

Exmos. Senhores Dirigentes Associativos

Exmos. Senhores dirigentes e colaboradores do Município de Oeiras

1

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Em nome da Assembleia Municipal de Oeiras, **saúdo** o quadragésimo quinto aniversário do 25 de Abril e, concomitantemente, **saúdo** o aniversário da restauração da Liberdade e da Democracia.

Foi na verdade um dia histórico, um dia que se perpetuará na memória de um povo, por toda a carga emocional que transporta e que nos transmite.

Foi um dia que nos trouxe momentos de enorme alegria a sucederem às sombras de um regime onde o aparelho de Estado usava - como meio de controlo - uma sinistra polícia política. Nesse ambiente opressivo e nefasto, a imagem de Portugal foi-se degradando na Europa e no Mundo inteiro.

O 25 de abril significou, pois, uma clara vitória da razão sobre a opressão, possibilitando a passagem de um “Orgulhosamente Sós” que caracterizava o isolamento internacional português do fim do Estado Novo, para um **“Estamos com Todos Vós”** ao estabelecer – e restabelecer - finda a longa guerra colonial, relações diplomáticas com todos os países, num esforço que viria a culminar no processo de adesão à Comunidade Económica Europeia, hoje – como sabemos - União Europeia.

Sempre fomos um país europeu mas, como todos sabemos, este Atlântico pertence ao nosso imaginário e à nossa alma, pois a sua centralidade tem sido, através dos séculos, autêntica e inequívoca para nós, portugueses.

Sem grandes recursos em termos de matérias-primas, semiperiféricos e com uma só fronteira terrestre, vivemos frequentemente num equilíbrio instável, entre a pressão continental e a procura de uma alternativa marítima.

2

Dessas condicionantes geopolíticas e desta contínua tentativa de equilíbrio, decorreram movimentos de longa duração que foram definindo estratégias e características das opções políticas portuguesas, umas vezes de pendor mais africanista, outras de pendor mais atlantista.

Soterrado o regime autoritário, as bem-vindas luzes da democracia determinaram novos compromissos e alterações de fundo.

E, mau grado a permanência de desigualdades de todo o género que o pós 25 de Abril não conseguiu ainda dissipar, a verdade é que a Europa significou para o nosso país uma grande evolução em todos os aspectos: económico, político, social, educativo e cultural, numa época em que,

contrariamente à actual, o projecto europeu vivia dias tranquilos e agradáveis.

Hoje a União Europeia precisa de todos para ir ao encontro das necessidades e das aspirações dos seus cidadãos. Precisa cada vez mais de políticas suficientemente robustas em matéria social, suficientemente democráticas e suficientemente ecológicas. Em suma, a Europa carece de políticas que contribuam para Bens de valor incalculável como a Paz e a Segurança!

Permitam-me recordar-vos três situações para uma melhor compreensão dos assuntos que agora abordamos:

A primeira situação tem que ver com a ideia de uma Europa unida. É que este conceito, esta ideia, tem fermentado no tempo. Bom será não esquecer que, ao longo dos séculos, houve várias tentativas para unificar o continente europeu.

- Quem não se lembra dos nomes de Júlio César e de Augusto, célebres imperadores romanos que conquistaram territórios unindo o Este ao Oeste europeu?
- Quem não se lembra de Carlos Magno, rei dos Francos, a impor as suas extensas fronteiras na Europa feudal do seu tempo?
- Quem não se lembra de Carlos de Habsburgo, mais conhecido na História Universal por Carlos V, tentando também construir uma Europa com uma escala comparável à da actual União Europeia?
- Quem não se lembra da Europa de Napoleão, dessa Europa das Luzes, que ia desde Espanha até aos arredores de Moscovo?

- Quem não se lembra do nome de Hitler, uma das maiores vergonhas da civilização ocidental e cristã, cujo principal interesse era dominar todo o continente europeu, contra tudo e contra todos?

Ora, todas estas tentativas, embora distantes entre si no tempo, reúnem um denominador comum: a força das armas. Por sua vez, o **Tratado de Roma**¹, através do qual é criada a Comunidade Económica Europeia – antecessora da União Europeia – baseia-se na ideia de uma Europa sustentada na força das palavras, na força do diálogo, na força da Democracia.

A 2ª situação que escolhi serve para relevar que, pouco tempo depois do 25 de Abril de 74, o Parlamento Europeu teve a presidi-lo **Simone Veil**², uma mulher que viu, todos os membros da sua família, à execução da sua irmã Madalena, morrerem no sinistro campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, talvez o maior centro de extermínio da História, pois aí foram assassinadas às mãos dos Nazis durante o Holocausto, mais um milhão de pessoas! No seu trajecto de vida, esta experiente política francesa poderá, quanto a mim, simbolizar perfeitamente a construção da Europa, em tudo o que respeita à defesa de princípios e de valores como a Liberdade, a Democracia, a Paz e, sobretudo, o primado do Estado de Direito sobre tudo o resto.

¹ **Tratado de Roma** é o nome dado a dois tratados: Tratado Constitutivo da Comunidade Económica Europeia (CEE) e Tratado Constitutivo da Comunidade Europeia da Energia Atómica (Euratom) Foram assinados em 25 de março de 1957 em Roma pela Alemanha Ocidental, França, Itália, Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo. Entrou em vigor em 1 de Janeiro de 1958.

² **SIMONE VEIL** (Nice, 13 de julho de 1927 – Paris, 30 de junho de 2017) política francesa, Ministra da Saúde de Giscard D'Estaing foi a primeira mulher a presidir ao Parlamento Europeu (1979-1982). Foi também membro do Conselho Constitucional de França.

Estes são, realmente, os valores que devem estar presentes num momento em que se concentram atenções em temas como o antiterrorismo, as oportunidades de emprego, a inclusão social, as migrações e os direitos humanos.

Por último, a 3ª situação que vos queria ainda recordar tem a ver com um Relatório da **EFTA**³ (Associação Europeia do Comércio Livre) organização europeia à qual Portugal pertencia ao tempo do 25 de Abril de 1974. Concluía este Relatório, datado precisamente de Abril desse mesmo ano, que a riqueza portuguesa estava concentrada em cerca de uma dezena de conglomerados empresariais. Aduzia com preocupação que **um em cada quatro** portugueses não sabia ler, isto é, havia então uma taxa de analfabetismo próxima dos 25%.

Outro indicador importantíssimo que o Relatório da EFTA fornecia, é que 30% da população portuguesa estava alojada em condições abaixo dos padrões mínimos relativamente ao bem-estar social.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Após décadas de ditadura e de isolamento internacional, como referimos logo no início desta intervenção, Portugal solicitou a adesão à então Comunidade Económica Europeia para, entre outros objectivos, consolidar

³ **European Free Trade Association** | Organização europeia fundada a 4 de Janeiro de 1960 na cidade de Estocolmo, pelo Reino Unido, Portugal, Dinamarca, Noruega, Suíça, Áustria e Suécia. Em 1970 foi admitida a Islândia e o Liechtenstein, em 1991. Na actualidade, a EFTA é apenas constituída por quatro países: Suíça, Liechtenstein, Noruega e Islândia.

a Liberdade e a Democracia. De facto, como assinala **João Carlos Espada**⁴ no seu livro **Portugal, a Europa e o Atlântico**⁵, a União Europeia tem sido *“um seguro de vida para a democracia portuguesa”*.

Depois de tantos anos a olhar para outros horizontes, a Europa e as suas instituições acolhiam-nos sob calorosos aplausos.

Hoje, decorridos 45 anos desde o 25 de Abril de 1974, olhamos à nossa volta e constatamos todos que, desde então, a Europa, Portugal e o Município de Oeiras mudaram profundamente.

Não que as desigualdades tivessem já desaparecido como antes fizemos aqui constar, até porque a Humanidade só poderá aspirar à felicidade total – se é que ela alguma vez existirá – quando as necessidades mais básicas estiverem asseguradas para todos, o que infelizmente ainda está, talvez, longe de acontecer.

6

Mas mesmo assim, vale sempre a pena celebrar os 45 anos do 25 de Abril porque tal significa celebrar algo que pertence a um país - **que é património de TODO um país** - e não apenas de alguns.

Não sendo historiadora, tenho contudo da História o gosto pela leitura e o prazer de saber. Tenho da História a noção que ela me ajuda a interpretar melhor o mundo. Quero com isto dizer - que das leituras que tenho feito -

⁴ **João Carlos Mosqueira Mendes Espada** (Lisboa, 21 de março de 1955) Professor universitário. Doutorado em Ciência Política pela Universidade de Oxford, é director do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa.

⁵ Título: **Portugal a Europa e o Atlântico**; Autor: João Carlos Espada; Prefácio: Manuel Braga da Cruz | Alêtheia Editores | Junho de 2014

algumas delas focalizadas na história local, pude apurar que o município de Oeiras não terá vivido um passado repleto de lutas operárias ou rurais, nem terá tão-pouco uma história grandiosa e eloquente na luta contra o “Estado-Novo”. Todavia, ninguém poderá duvidar da generosidade democrática deste município, pois toda a sua história pós 25 de Abril é uma história de cidadania, de progresso e de mudança.

Ninguém poderá duvidar que toda a história de Oeiras no pós 25 de abril configura uma página brilhantíssima no campo da habitação, no campo do realojamento, e também no campo da Educação, da Cultura e das novas Tecnologias.

Honrando o 25 de Abril, prosseguiremos com políticas de habitação que, de forma integrada, incidem no apoio aos idosos, no apoio à habitação para jovens, estudantes universitários e, no apoio ao investimento em bairros municipais e, evidentemente, no apoio às famílias mais carenciadas. Muitos municípios que se arrogam tão defensores dos mais humildes, talvez nunca tenham ido tão longe nesta área, quanto Oeiras o foi.

Esta transversalidade de que aqui faço eco, garantirá a dimensão humana que, no município de Oeiras queremos continuar a conferir às nossas políticas de habitação, para que Oeiras possa ser a “Casa” de todos! Não se pense, porém, que aquilo que agora afirmo se coloca apenas no plano do discurso teórico ou no plano do mero discurso vazio e vazio, onde alguns portugueses são peritos. Coloca-se sim, aliando teoria à prática. E as

práticas corporizam-se em políticas, em programas, em planos de actividade e em estratégias que incidem – sublinho - de forma integrada, nas várias frentes que acabei de referir.

Saúdo também o 25 de Abril porque, graças a ele, foi possível redescobrir, após décadas e décadas de uma acção profundamente perversa e anti-cultural, tudo aquilo que a censura desvirtuava, “cortando a raiz ao pensamento” como tão bem escreveu **Carlos de Oliveira**⁶ num dos seus belíssimos poemas.

Saúdo o 25 de Abril, pois graças a ele emergiu o Poder Local Democrático constituído sobretudo por Municípios e Freguesias que, através do exercício das suas competências, souberam levar o desenvolvimento a todo o território, no campo das infraestruturas básicas que tanto escasseavam – redes de abastecimento de água e saneamento, higiene pública, energia eléctrica, arruamentos, vias de comunicação, escolas, centros de saúde – tentando fazer as pessoas mais felizes.

Como pessoa e como cidadã, aclamarei e felicitarei sempre aqueles que se recusam a aceitar situações de abuso e de injustiça e que se dispõem no presente - ou dispuseram no passado - a lutar contra as mesmas. De facto foi assim que nasceram muitos dos nossos heróis nacionais, como por exemplo, Maria da Fonte, Aristides de Sousa Mendes ou Salgueiro Maia, para citar apenas estes...

⁶ **Carlos Alberto Serra de Oliveira** (Belém, 10 de agosto de 1921 — Lisboa, 1981) Escritor português. Prémio Bordalo (1971) na categoria de "Literatura" e Prémio Cidade de Lisboa (1978).

Decorrido quase meio século sobre o 25 de Abril, há todavia muito a fazer – mas mesmo muito - para evitar o aprofundar de desigualdades de toda a ordem - incluindo-se aqui a que respeita aos géneros - e para evitar que se alimente a desconfiança nas instituições e nos políticos. O próprio Poder Local Democrático está sujeito a várias ameaças porque a sua autonomia e capacidade de resposta aos problemas das populações nem sempre é tida em linha de conta pela administração central.

Hoje, quando os patamares de exigência são, em todos os domínios da sociedade, muito mais elevados que em 74, bom será que continuemos exigentes no olhar para dentro e para fora das nossas fronteiras. Das fronteiras de Oeiras, das fronteiras de Portugal e das fronteiras da Europa.

Bom será que a médio prazo se possa repensar e ponderar sobre as atribuições e sobre as competências das Assembleias Municipais, praticamente inalteradas desde 1974. Ao fazê-lo poderemos melhorar o exercício dos seus poderes deliberativos e fiscalizadores, sempre para bem dos municípios.

Parece, pois, acertadíssimo que hoje, Dia da Liberdade e da Democracia, homenageemos todos aqueles que, ao longo dos últimos anos, souberam - nas suas funções autárquicas - construir e preservar um património de inquestionável valor. E nada melhor do que as galardoar no dia em que o Poder Local renasceu!

Às personalidades que hoje vão ser distinguidas, endereço desde já as minhas mais sinceras felicitações, agradecendo-lhes todo o contributo que deram em prol da Democracia.

Celebrar o 25 de Abril deve ser, portanto, encarado por nós como um imperativo de consciência e como um dever de cidadania porque a verdade é que em Oeiras adoptámos Sebastião José de Carvalho e Melo como um avatar da modernização e como um precursor da transmutação, no verdadeiro sentido da palavra.

Celebrar o 25 de Abril, além de ser uma forma de olharmos para o passado do nosso município, é sempre um pretexto para avaliarmos o presente e para projectarmos o futuro.

Celebrar o 25 de Abril exige, portanto, que todos nós pensemos, com seriedade e responsabilidade, nos contributos que podemos dar, seja individual, seja colectivamente, para esse mesmo futuro.

Mais do que traçar aqui um retrato de Oeiras, o importante é saber se as políticas públicas desenvolvidas têm ido ao encontro de quem servimos e se o trabalho realizado em benefício da comunidade Oeirense, tem sido correcto, útil e criterioso.

Importante é sabermos se tivemos todos a capacidade de construir, sustentados pela sede constante da inquietação.

Importante é reflectirmos sobre temas como as alterações climáticas tão ameaçadoras para a humanidade, ou sobre o tema da globalização, tão

desafiador quanto à sustentabilidade dos modelos sociais – nacional e europeu - ou ainda sobre os temas da robótica e da automação, tão angustiantes quando se encara o futuro do trabalho.

Importante é compreendermos se poderíamos ter sido mais ousados a planear, se poderíamos ter sido mais ágeis a dialogar, se poderíamos ter sido mais empreendedores e mais críticos com nós mesmos.

Importante é saber se estamos a governar bem para **todos** e se estamos a honrar a memória do “Conde-Marquês”.

Socorrendo-me de **Agustina**⁷, diria que *“a cidade não precisa de quem diga o que está errado; precisa de quem saiba o que está certo!”*

Aos munícipes do concelho de Oeiras, quero ainda deixar uma nota de esperança, garantindo-lhes que, nos órgãos autárquicos, promoveremos sempre uma gestão aberta e transparente, de grande proximidade entre eleitos e eleitores, mobilizando vontades que nos permitam enfrentar dificuldades e progredir no sentido de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Podem estar seguros que, dentro do espírito do 25 de Abril, promoveremos, sempre, políticas públicas que nos possibilitem melhorar a prestação do nosso serviço à comunidade – bastará ver o que se está a inovar no plano da Educação - e antecipar desafios com vista à elevação dos indicadores de bem-estar dos nossos concidadãos.

⁷ **Agustina Bessa-Luís**, nome literário de Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa (Amarante, 15 de Outubro de 1922. Residente no Porto, estreou-se nas lides literárias aos 26 anos, com a novela “Mundo Fechado”. Em 1954, com o romance “A Sibila”, impôs-se definitivamente como uma das mais importantes representantes da ficção portuguesa contemporânea.

Promoveremos deste modo uma consciência europeia, uma consciência nacional e uma consciência Oeirense pautadas por valores da Democracia e da Liberdade!

VIVA O 25 DE ABRIL.

VIVA OEIRAS.

VIVA PORTUGAL.

Muito Obrigada!

ELISABETE OLIVEIRA

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE OEIRAS